

EDITORIAL

Os desafios do turismo

O Espírito Santo, segundo a Fipe, recebe mais turistas a cada ano desde 2001, mas ainda está longe de recuperar a quantidade de visitantes que tinha em 1998 por causa da deterioração da qualidade do turismo no Litoral Sul

Asingela carta de um leitor, Roldolfo Ferreira, publicada na edição de terça-feira de A GAZETA, revela uma angústia que, certamente, não é só dele, mas de muitos visitantes do Espírito Santo. Ele, que vem a Vitória pelo menos três vezes no ano, elogia a “bela cidade”, mas faz questão de apontar alguns dos seus problemas: preço abusivo do combustível comparado ao praticado em outros Estados, o trânsito caótico e o péssimo estado de conservação de locais visitados pelos turistas, entre outros.

Na edição de quinta-feira, um outro leitor, Guilherme Coelho da Rocha, considera o Espírito Santo “um território abençoado para o turismo”, mas sem sinalização orientadora nas rodovias e balneários e outros problemas que deveriam ser equacionados por meio da “união de esforços”.

Os dois leitores, provavelmente estimulados pelos ares do verão, nada mais fazem do que chamar a atenção da opinião pública para uma antiga questão: a necessidade de o turismo ser encarado como uma das grandes atividades econômicas em um Estado que tem todos os pré-requisitos para isso. Afinal, o que não faltam ao Estado são vantagens locais e belezas naturais.

Mas também sobram problemas que, evidentemente, não se resumem aos apontados pelos dois leitores de A GAZETA. Além das carências de infra-estrutura, o Espírito Santo paga caro pela deterioração da qualidade do seu mais atraente produto, a praia, principalmente no Litoral Sul e, particularmente, em Guarapari.

O que ocorreu no Litoral Sul capixaba foi uma combinação de cresci-

Um bom caminho pode ser a mobilização dos empresários para conceber e gerenciar um projeto turístico

mento descontrolado – que resultou em degradação urbana e ambiental – com baixa qualidade nos serviços e infra-estrutura oferecidos ao turistas, o que trouxe, em consequência, a alteração na classe de renda dos visitantes. Guarapari e outras praias do Sul deixaram de ser o destino das famílias de maior renda dos Estados vizinhos.

As pesquisas realizadas pela Fipe em 1998 e 2006 mostram que o Estado perdeu 280 mil turistas por ano, já que recebeu 1,28 milhão de turistas em 2006, quando, em 1998, recebia 1,56 milhão.

Em 1998 o Espírito Santo detinha 4,1% do mercado turístico brasileiro, participação que caiu para 3,1% em 2006.

Um dado favorável das pesquisas é que os números do Estado melhoraram nos últimos cinco anos, já que em 2001 eram ainda piores: 1 milhão de turistas e 2,4% de participação de mercado. Parte dessa recuperação, sem dúvida, pode ser atribuída ao turismo de negócios que se ampliou significativamente na Grande Vitória em decorrência do desenvolvimento econômico do Estado. Mas é importante lembrar que 87,5% do turismo brasileiro é motivado pelo lazer e é neste mercado que o Espírito Santo apresenta as suas maiores carências.

Há algumas boas perspectivas que merecem ser mencionadas. O turismo de montanha tem crescido, embora seja abastecido basicamente por visitan-

tes da Grande Vitória. Há boas iniciativas ligadas aos poderes públicos e privados, como a tentativa de implantação de resorts no Litoral Norte, de revitalização de Guarapari e de captação de eventos na Grande Vitória.

Mas, como diz o leitor Guilherme Rocha, “muito há para ser feito”. Principalmente na gestão do turismo, para resultar em melhoria de qualidade dos chamados intangíveis do turismo, que são os comportamentos dos envolvidos com a atividade. Um bom caminho para enfrentar esse desafio poderia ser a mobilização dos empresários para conceber e gerenciar um projeto que aprimore os serviços e estrutura a oferta, viabilizando a recuperação da demanda, e seja capaz de transformar o turismo capixaba, efetivamente, em fator de geração de trabalho, renda e qualidade de vida.